



Palcos da modernidade: O teatro e o cinema nas representações da modernização em Natal

Escenarios de la modernidad: el teatro y el cine en las representaciones de la modernización en Natal

E3_05 - Ocio y entretenimiento en las ciudades iberoamericanas. Prácticas, ideas y circulación de imaginarios en el siglo XX

Natália Melchuna Madruga

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
natalia.mmadruga@gmail.com

Resumo: A vida social urbana é uma das características do processo de modernização das cidades brasileiras durante os séculos XIX e XX, contrastando com a sociedade colonial, onde as atividades estavam restritas à família patriarcal e à igreja. Teatros, cinemas e outros locais para cultura e lazer, por exemplo, eram frequentados e demandados por uma elite que os via como espaços “civilizados”. Além de servirem como pontos de encontro e discussão, esses locais contribuíram para o desenvolvimento cultural, possibilitando o contato de parte da sociedade com artistas e produções de diversas partes do mundo, além de incentivar a formação de uma classe artística local. O caso de Natal, capital do Rio Grande do Norte, exemplifica esse processo. Na primeira década do século XX, a cidade ainda possuía traços coloniais, mas já tinha seu principal teatro, o Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão), e uma elite que desejava o progresso e a modernização urbana. Essa elite atribuía grande importância a espaços que manifestassem seus ideais de vida moderna, como é possível ver em publicações de jornais locais, em que escritores jornalistas divulgavam peças de teatro, filmes e apresentações musicais, apoiavam grupos de atores natalenses, comentavam produções e expressavam suas expectativas em relação a esses espaços de lazer e cultura. Desse modo, este artigo investiga como essas crônicas contribuíram para mobilizar representações sobre a cidade moderna associada ao espaço do cinema e teatro. Para isso, adotaremos a abordagem teórico-metodológica da história cultural urbana e analisaremos o caso de Natal, com foco nas crônicas sociais de Aderbal de França, publicadas em jornais locais entre 1930 e 1950, em que o autor, o qual escrevia sobre temáticas consideradas progressista na época, reforçava constantemente a importância, do teatro, cinema e música para o progresso modernização da cidade.

Palavras-chave: Modernização urbana, cultura, lazer, teatro, cinema.

Resumen: *La vida social urbana es una de las características del proceso de modernización de las ciudades brasileñas durante los siglos XIX y XX, en contraste con la sociedad colonial, en la cual las actividades estaban restringidas a la familia patriarcal y a la Iglesia. Teatros, cines y otros espacios de cultura y ocio, por ejemplo, eran frecuentados y demandados por una élite que los consideraba como espacios “civilizados”. Además de servir como puntos de encuentro y discusión, estos lugares contribuyeron al desarrollo cultural, posibilitando el contacto de sectores de la sociedad con artistas y producciones de distintas partes del mundo, así como fomentando la formación de una clase artística local. El caso de Natal, capital de Rio Grande do Norte, ejemplifica este proceso. En la primera década del siglo XX, la ciudad aún conservaba rasgos coloniales, pero ya contaba con su principal teatro, el Teatro Carlos Gomes (actual Teatro Alberto Maranhão), y con una élite que deseaba el progreso y la modernización urbana. Esta élite atribuía gran importancia a los espacios que expresaban sus ideales de vida moderna, como puede observarse en la prensa local, donde escritores y periodistas divulgaban obras teatrales, películas y presentaciones musicales, apoyaban a grupos de actores natalenses, comentaban producciones y manifestaban sus expectativas respecto a estos espacios de ocio y cultura. De este modo, este artículo investiga cómo estas crónicas contribuyeron a movilizar representaciones sobre la ciudad moderna asociada a los espacios del cine y del teatro. Para ello, se adopta el enfoque teórico-metodológico de la historia cultural urbana y se analiza el caso de Natal, con énfasis en las crónicas sociales de Aderbal de França, publicadas en periódicos locales entre 1930 y 1950, en las que el autor, al abordar temáticas consideradas progresistas para la época, reforzaba constantemente la importancia del teatro, el cine y la música para el progreso y la modernización de la ciudad.*

Palabras-clave: *Modernización urbana, cultura, ocio, teatro, cine.*

Introdução

A difusão cultural e a valorização da vida social urbana foram características dos processos de modernização das cidades durante os séculos XIX e início do século XX. É possível notar essa relação entre cultura, lazer e modernização das cidades ao entrarmos em contato com a literatura produzida na época, em que a classe letrada observava o espaço urbano, registrando expectativas, críticas e entusiasmos diante dos equipamentos e atividades culturais e das transformações na vida cotidiana.

Aderbal de França, é reconhecido como o primeiro cronista social da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Em 1941, publicou no jornal “A República” uma crônica chamada “Mais um ano do Teatro Carlos Gomes”, na qual celebrava os 37 anos do único teatro da cidade, inaugurado em 1904 durante o governo de Alberto Maranhão. No texto, o cronista destaca a importância do equipamento para Natal e o considera como o início do processo em direção ao progresso da cidade:

Trinta e sete anos se encerram hoje sobre a vida do nosso Teatro Carlos Gomes. Que poderia ser Natal quando Alberto Maranhão abriu para a sua sociedade uma casa de espetáculos? Que tempo foi esse, há trinta e sete anos, em que se assentava no ângulo de um deserto, que, se ainda hoje merece a opinião complacente de “bem servir”, representava, quando surgiu, uma pedra fundamental do nosso progresso? (França, 1941a, p.8)

Não eram apenas os teatros com suas peças, concertos e apresentações que eram frequentemente comentados para se falar de progresso e modernidade na cidade. Mas, essa elite intelectual da cidade também falava dos cinemas, bailes e eventos esportivos. Acontece que a vida social e cultural estava articulada com outras grandes transformações urbanas características do processo de modernização, como as mudanças estruturais nos espaços públicos, avanços tecnológicos, principalmente com o avanço da iluminação pública e a melhoria nas condições de deslocamento dentro da cidade. Além disso, o uso desses espaços implicava expectativas quanto às condutas e vestimentas adequadas, revelando que, juntamente às transformações materiais, a modernidade também introduziu novos padrões de comportamento na vida social urbana.

Deste modo, entende-se que a literatura desse período, ao falar dos cinemas, teatros e clubes salões de bailes considera que tais equipamentos culturais possuíam significados que iam além da sua função imediata. Eles apareciam como sinais de progresso, civilidade. Desse modo, pretende-se aqui investigar a construção do imaginário das cidades modernas, especialmente por meio das representações associadas ao cinema e ao teatro.

Para a realização deste trabalho, adota-se a abordagem metodológica da história cultural urbana, um desdobramento da história cultural. Como explica a historiadora Sandra Pesavento (2012), essa abordagem historiográfica entende a cultura como um modo de expressão simbólica da realidade, composta por um conjunto de sentidos e significados atribuídos às palavras, às imagens, às ações.

A história cultural urbana, por sua vez, considera a cidade esse objeto repleto de significados provenientes da cultura, e desse modo se abre para investigar como os processos urbanos são descritos, interpretados, apreendidos e sentidos. O historiador Ádrian Gorelik explica que:



A história cultural urbana abre-se a todas as disciplinas que tenham algo a dizer sobre a cidade, e com isso redefine todas as questões que giram em torno dela: a literatura, a política, a sociologia, a arquitetura, que também acabam reformuladas ao passar pelo filtro da cidade” (Gorelik, 2009, p.249).

Desse modo, essa pesquisa busca, na literatura produzida nos séculos XIX e XX, as relações entre as cidades que se modernizaram e as atividades e espaços de lazer e cultura. Analisaremos especificamente o caso de Natal, com foco nas crônicas de Aderbal de França, publicadas no jornal local “A República” na coluna “Sociais”, em que o autor, o qual escrevia sobre temáticas consideradas progressista na época, reforçava constantemente a importância, do teatro, cinema e música para o progresso modernização da cidade.

Para isso, esse artigo inicia com uma breve discussão sobre o processo de modernização, como ele atingiu as cidades e a consequente criação dessa vida social urbana. Parte-se da experiência Europeia, mais especificamente do caso de Paris, considerada a cidade “capital da modernidade”. Em seguida, o texto apresenta o caso do Brasil, um país que no início do século XX estava em um processo de tentar apagar os vestígios da colonização e se adequar às novas classes sociais que ascendiam. Por fim, apresenta-se o caso de Natal, por meio das crônicas de Aderbal de França. Nas primeiras décadas do século XX Natal era uma cidade pequena, com menos de 20 mil habitantes, que possuía uma elite política e intelectual que buscava transformar a cidade ao se alinhar às ideias de modernidade que circulavam na época.

A modernidade e seus palcos

Quando se fala em “modernização das cidades”, refere-se às reformas urbanas implementadas nos principais centros urbanos do mundo entre os séculos XIX e XX. Essas reformas se inserem em um amplo processo de modernização que teve início em alguns países europeus ainda no século XVI, intensificou-se entre os séculos XVIII e XIX e se expandiu globalmente ao longo do século XX. Esse processo trouxe transformações econômicas, políticas e culturais, acelerou a urbanização e consolidou a burguesia como classe dominante. Como observa David Harvey (2015), inaugurou-se a partir daí uma nova maneira de viver e representar o mundo.

Marshall Berman (1986) em “Tudo que é sólido desmancha no ar” considera que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas em redor – mas, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (Berman, 1986, p. 15). E isso é possível ser visto no modo em que as cidades foram adaptadas a esse novo modo de vida e a classe social dominante. A reforma urbana mais emblemática da época foi a de Paris, conduzida por Eugène Haussmann entre 1853 e 1870, que se tornou modelo para várias outras cidades do mundo.

A capital francesa passava por problemas habitacionais, de salubridade e uma imensa desigualdade social. A cidade não combinava com os hábitos, costumes e valores da burguesia, com a economia capitalista, e com as novas tecnologias. Desse modo, a reforma de Haussmann, segundo Eloisa Pinheiro (2011), tinha três princípios norteadores: a circulação, o saneamento e o embelezamento. Para serem aplicados era necessário o alargamento e abertura de vias, reconstruções de fachadas, valorização de monumentos, que resultaram em desapropriação e expulsão das populações mais pobres dos centros urbanos. Assim, como Pinheiro (2011) pontua, instala-se a cidade burguesa, a cidade moderna (Pinheiro, 2011, p.56).

Nesse contexto, o lazer e os espetáculos no meio urbano se tornam experiências centrais da modernidade. Segundo Harvey (2015), às ruas alargadas, as galerias comerciais com lojas de departamento e cafés que invadiram as calçadas mudaram os limites entre o espaço público e o privado. A área central de Paris se proliferou de cabarés, circos, concertos, teatros e casas de ópera.

Harvey (2015) explica que os espetáculos realizados nos espaços públicos eram feitos para exaltar o imperador Napoleão III e como lugar de festas e celebrações do que era considerado modernidade. Nessas ocasiões, exibiam-se as novas tecnologias em desenvolvimento, assim como mercadorias, modas e costumes associados à riqueza burguesa.

A modernização das cidades no Brasil: A vida acontece nas ruas

Esse modelo de modernização se espalhou pelo mundo chegando ao Brasil no final do século XIX e século XX. No entanto, diferentemente do que ocorreu em diversas cidades europeias, o contexto brasileiro não foi marcado por grandes revoluções políticas, como aconteceu na França, nem teve como pano de fundo a Revolução Industrial, como na Inglaterra. No Brasil, um país em que a república tinha sido recém declarada e que a economia era predominantemente agrícola, a modernidade se constituiu por meio da importação de modelos, ideais, projetos e demais símbolos europeus.

Entre esses símbolos e projetos “importados” estão as reformas urbanas e os modos de lazer e uso do espaço público. Adrián Gorelik (2003) defende que a ideia de que a urbanização das cidades latino-americanas não é um produto da modernidade, mas é um produto criado para reproduzir a modernidade. As reformas urbanas chegaram ao Brasil principalmente por meio do engenheiro Francisco Pereira Passos em 1902, quando prefeito do Rio de Janeiro. O engenheiro, influenciado pelas transformações feitas em Paris por Haussmann, desenvolveu e executou reformas com o objetivo de embelezar, sanear e expandir a cidade para as áreas periféricas.

Assim, Pereira Passos intervém no centro do Rio de Janeiro adaptando-o ao que exigia “a cidade moderna”. Novas ruas foram abertas e avenidas alargadas, facilitando a circulação entre os diversos bairros. O teatro municipal foi inaugurado na recém-criada Avenida Central¹ (Figura 1), a cidade se tornou mais zoneada, as mercadorias e as pessoas começaram a circular com mais rapidez.

¹ A Avenida Central do Rio de Janeiro é hoje chamada de Avenida Rio Branco, ela rasga em diagonal a área central da cidade e é considerada a via mais importante desta zona. Foi inaugurada em 1905 e é considerada um símbolo da modernidade da cidade, foi onde se instalaram a Escola Nacional de Belas Artes, o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional.



Figura 1: Avenida Central Rio de Janeiro. Fonte: Marc Ferrez disponível no acervo do Instituto Moreira Sales <<https://acervos.ims.com.br/portals/#/search>>

Essas transformações no espaço público alteraram os modos de uso da cidade. As ruas, antes associadas a perigos, insalubridade e à propagação de doenças, foram alvo de medidas de higienização, tanto físicas como sociais, que as tornaram mais adequadas e atrativas para a nova elite carioca. Assim, as obras de modernização da cidade vieram acompanhadas da valorização de uma vida urbana e da incorporação de novos costumes associados ao ideal de modernidade.²

Gilberto Freyre em “Sobrados e Mucambos” (1936) demonstra como durante o império a vida social das elites era doméstica. A casa era um espaço de segurança e higiene em contraste com as ruas sujas e escuras, onde circulava predominantemente a população negra escravizada (Figura 02):

A partir dos princípios do século XIX, a rua foi deixando de ser o escoadouro das águas servidas dos sobrados, por onde o pé bem calçado do burguês tinha de andar com jeito senão se emporcalhava todo, para ganhar em dignidade e em importância social. De noite, foi deixando de ser o corredor escuro que os particulares atravessavam com um escravo na frente, de lanterna na mão, para ir se iluminando a lampião de azeite de peixe suspenso por correntes de postes

² Deve-se destacar que, assim como aconteceu em Paris, as reformas urbanas modernizadoras do Rio de Janeiro foram feitas sob a demolição e expropriação da população mais pobre que morava nas áreas centrais da cidade. Isso resultou em uma crise habitacional e agravamento da segregação social.

altos. Os princípios de iluminação pública. Os primeiros brilhos de dignidade da rua outrora tão subalterna que era preciso que a luz das casas particulares e dos nichos dos santos a iluminasse pela mão dos negros escravos ou pela piedade dos devotos. (Freyre, 1936, p.20)



Figura 2: Quadro Venda de Café Torrado de Jean-Baptiste Debret. Fonte: CAFFÉ (sic) Torrado. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1197/caffe-sic-torrado>.

As peculiaridades da vida privada e isolada no espaço doméstico também fica evidente no conto “Missa do Galo” (1893) de Machado de Assis:

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro (Assis, 1899, p.3)

Com as reformas urbanas, o lazer e ócio foram saindo do espaço privado em direção às ruas, teatros e salões. Olhando para o caso as transformações urbanas que aconteceram em São Paulo

na mesma época, Nicolau Sevcenko (1992) comenta sobre esses novos hábitos de lazer da população:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto genérico de “diversões”, toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana. (Sevcenko, 1992, p.54)

Então, saindo do espaço doméstico, a população começa a frequentar espaços de danças, cafés, lojas de departamentos, teatros, cinemas e praticar esportes. Melo e Peres comentam sobre como no Rio de Janeiro de Pereira Passos se estruturou um “mercado de diversões”, com o teatro, o cinema e a prática do remo, um esporte que surge nas cidades e passa a ser considerado típico da cultura moderna. Desse modo, o hábito de ter uma vida social que envolva cinemas, teatros, bailes e esportes foi completamente incorporado no estilo de vida das classes sociais mais elevadas.

Modernidade e cultura em Natal

Nos primeiros anos do século XX, Natal, capital do Rio Grande do Norte (Figura 3), ainda se configurava como uma pequena cidade com pouca importância nacional, principalmente quando comparada a grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Apesar disso, possuía uma elite que de alguma maneira teve contato com essas capitais e que assim, passou a nutrir um forte anseio modernizador. Para esse grupo, era necessário que Natal também entrasse nesses “novos tempos” e para isso fazer o que fosse preciso, como realizar as reformas urbanas consideradas essenciais e incorporar ao cotidiano local tecnologias, práticas sociais e costumes entendidos como sinais de civilização e progresso.

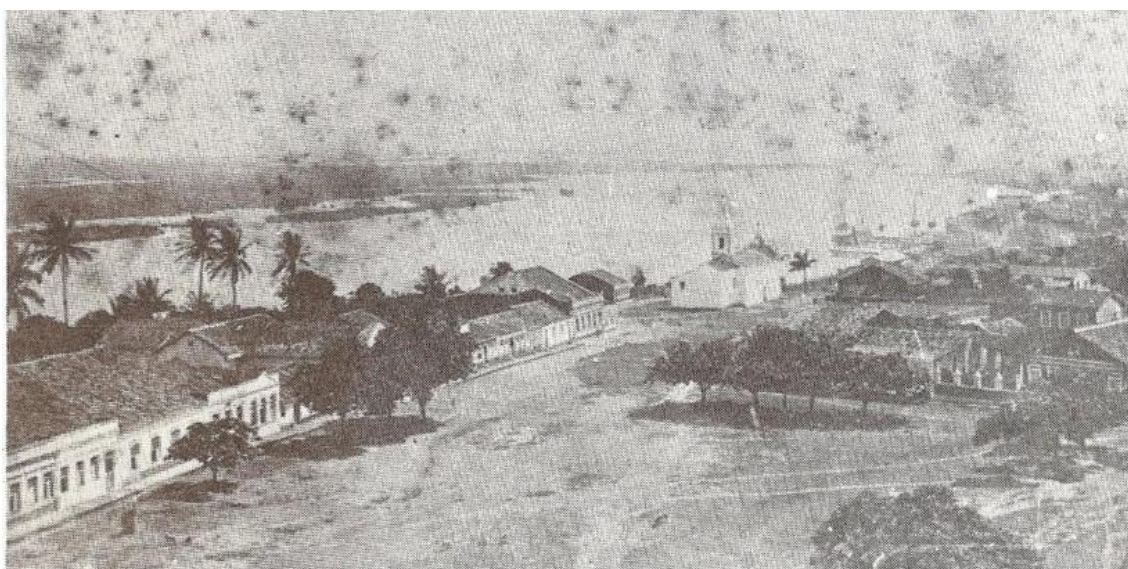


Figura 3: Local de fundação da cidade de Natal (Atual Praça André de Albuquerque). Fonte: Bruno Bougard (Acervo IHG/RN)

Parte dessa elite era letrada e trabalhava em jornais, um veículo de circulação de ideias modernizadoras. Assim, essa elite intelectual por meio de seus textos comentava e mobilizava elementos associados à modernidade em Natal, ao mesmo tempo que criticava os costumes considerados atrasados da população. Entre suas reivindicações que envolviam reformas no espaço público, avanços tecnológicos e mudanças nos hábitos da população, estavam as solicitações por novas possibilidades de lazer e cultura. Desse modo, por meio dos textos a elite intelectual foi conseguindo construir a cidade moderna, tanto fisicamente quanto no imaginário da população.

Entre esses intelectuais, está o escritor e político Henrique Castriciano, que em seus textos costumava caracterizar Natal como uma cidade tediosa com uma vida social monótona. Em uma das suas crônicas assinada com o pseudônimo de João Braz publicada em 1903 no jornal *Gazeta do Commercio* o autor cita o que considerava os defeitos na sociedade de Natal, comparando o natalense a um corpo apático que não pensa e nem sente:

Povo sem commercio, sem arte, sem literatura, e, por conseguinte, sem intuição clara da vida moderna, a nossa existência parece a de um corpo sem cabeça, sem capacidades volitivas, sem órgãos de sentimento, sem vontade. [...] Moramos numa capital e não temos aos domingos para onde ir. Tudo isso está indicando uma doença grave, um estado pathologico que precisa ser modificado pela acção regeneradora (Braz, 1903, p.185).

Nesse trecho é possível perceber quais eram as características que ele esperava de uma sociedade “civilizada”: comércio, arte, literatura e locais para socializar. Então, a nova cidade precisava ter espaços que possibilitassem os encontros e atividades culturais que pudessem estimular a sociedade intelectualmente. Percebe-se que o incentivo à cultura, ao lazer e à vida social da cidade era determinante para tornar Natal uma cidade moderna.

Assim, a partir de 1900 com o governo de Alberto Maranhão começaram a ser feitas as principais obras públicas voltadas à “modernização”. Na primeira gestão (1900- 1904) foi inaugurado o teatro Carlos Gomes (atual teatro Alberto Maranhão) e aprovada a Lei no 145, de 06 de agosto de 1900³ que promoveu o desenvolvimento cultural do estado. Já na segunda gestão foram feitos jardins e praças públicas, calçamento de ruas, a iluminação a gás, implantação dos bondes elétricos e a implementação do bairro Cidade Nova, primeiro bairro planejado da capital.

Porém a maioria dessas reformas e atividades eram feitas para as elites, concentrando-se em áreas das cidades onde circulavam esse grupo. A historiadora Márcia Marinho (2008) explica que isso criou uma geografia para a cidade, condizente com as aspirações e ideais dessa classe. A elite intelectual, financeira e política, com o poder que possuíam, articulavam o uso dos espaços por meio de regulamentação de vestimenta, de comportamentos, ou até mesmo do pagamento de altas taxas para que aqueles espaços correspondessem aos seus moldes do que seria uma cidade moderna.

Nas décadas de 1930 e 1940 pelas crônicas de Aderbal de França⁴ é possível ver como o uso desses novos espaços e a realização dessas atividades de lazer e cultura no cotidiano natalense

³ RIO GRANDE DO NORTE. Lei no 145, de 6 de agosto de 1900. Autoriza o governo a premiar livros de ciência e literatura. Atos legislativos e decretos do Governo (1909). Natal: Typ. d’A República, 1900.

⁴ Aderbal de França é considerado o primeiro cronista social da cidade, em 1928 começou a escrever suas crônicas na coluna “Sociais” assinando com o cognome “Danilo”. Publicou em sua coluna por 42 anos, primeiramente no

eram importantes para reforçar o ideal de modernidade ainda em construção. Suas crônicas são sociais e urbanas, voltadas sobretudo para a própria vivência e o cotidiano da cidade. O autor se manteve constante com temas considerados progressistas à época, sempre incentivando e falando sobre o “progresso” e a “modernização”. Uma das maneiras de expressar esse compromisso era a valorização das atividades sociais e culturais, especialmente aquelas produzidas em Natal.

O acervo das crônicas de Aderbal de França consultado para essa pesquisa é pertencente ao Grupo de Pesquisa História da Cidade e do Urbanismo (HCurb) que possui todas as crônicas do autor publicadas no jornal A República. Para esse trabalho foram consultadas 1.744 crônicas e dessas, 540 (correspondente a 31%) falavam sobre as atividades sociais e culturais da cidade. A leitura dessas crônicas permitiu a separação delas por categorias: Teatro, cinema, esportes e reuniões sociais. Nos tópicos seguintes iremos comentar sobre dois desses palcos da modernidade de Natal: o do teatro e o do cinema.

O teatro Carlos Gomes: A pedra fundamental do progresso em Natal

Nas crônicas dedicadas ao teatro, Aderbal de França aborda tanto o edifício do Teatro Carlos Gomes (Figura 4), atualmente nomeado de Teatro Alberto Maranhão, quanto as apresentações que ali ocorriam. Nesse conjunto de textos, estão incluídos também aqueles em que o autor promove os grupos de arte cênica da cidade, valorizando e incentivando a produção artística local.



Figura 4: Teatro Carlos Gomes (Atual Teatro Alberto Maranhão). Fonte: IBGE

Marcia Marinho (2008), em sua pesquisa, comenta que, naquela época os teatros eram mais do que um prédio dedicado às artes cênicas, pois era considerado um espaço símbolo do progresso,

Jornal “A República” e posteriormente, a partir de 1946 até 1970 no “O Diário de Natal”, trabalhou assim nos principais jornais do Estado durante meados do século XX.

no qual as atividades que ocorriam nele serviam como um meio de civilizar o público. Então, nos palcos do teatro passavam apresentações musicais, peças e palestras. Músicos, atores e atrizes, políticos e outras personalidades nacionais e internacionais se apresentavam para um público predominantemente das elites que podia pagar pelos ingressos e cumprir os códigos de conduta para o espaço.



Figura 5: Pianista- Teatro Carlos Gomes. Fonte: Jornal Tribuna do Norte

As crônicas de Aderbal de França são um registro das apresentações, dos artistas que passaram pela cidade e da importância do Teatro Carlos Gomes para a vida cultural natalense. Na crônica “Francisco Alves em Natal” à qual pertence o trecho abaixo, o autor divulga o espetáculo do músico Francisco Alves, ressaltando a diversidade e o prestígio das apresentações que aconteciam no Carlos Gomes:

Pelo palco do Carlos Gomes têm passado os nomes de maior fulgor nas diversas manifestações artísticas, que ornaram o espírito humano. Atores consagrados, pianistas de renome universal e violinistas famosos já se apresentaram à sociedade natalense, na ribalta da velha e tradicional casa de teatro da Ribeira. E a todos temos dado o nosso apoio, rendido nossa homenagem, aplaudido com nosso entusiasmo (França, 1938, p.12)

Por meio dos seus textos, o autor além de divulgar os espetáculos também ressaltava o papel da cultura para uma cidade moderna. No trecho seguinte, da crônica “Passou Tito Schipa” (1940), Aderbal de França lamenta que o tenor lírico italiano Tito Schipa tenha se apresentado apenas nas

cidades vizinhas, parando em Natal só de passagem e isso demonstra desprestígio cultural da cidade:

Natal ficou compreendida na zona incontestável de pobreza cultural que nós tanto procuramos elevar no artificialismo da propaganda.

O artista italiano desceu, tomou seu café no hangar da Condor, olhou o Potengi, o casario da cidade, e retomou o seu lugar no avião. Não levou queixas do nosso povo, onde só permaneceu alguns minutos, nem nós ficamos com a ventura da sua presença, porque não o ouvimos (França, 1940b, p.8)

E esses textos também eram meios de estabelecer e divulgar quais eram as regras de conduta consideradas adequadas para esse espaço. Na crônica chamada “A noite de hoje no Carlos Gomes” (1937), por exemplo, o autor critica o hábito do público natalense de chegar atrasado nos espetáculos, fazendo barulho e atrapalhando as apresentações:

Quero aproveitar a oportunidade para um comentário, que permita Deus seja bem compreendido em benefício dos que procuram escutar com atenção um concerto no Carlos Gomes.

É hábito, porque já é mesmo hábito, de muita gente ocupar as suas poltronas depois da presença de concertista no palco e, ainda mais, depois de iniciados os números de cada parte. Uns dizem que é por causa do calor, outros que é porque não sentem que esse atraso perturba o artista e prejudica enormemente o auditório (França, 1937, p. 8).

Desse modo, o jornalista conseguia se comunicar com as autoridades locais, reforçando a importância do teatro e solicitando apresentações específicas, investimento e melhorias. Como também divulgava as artistas e os espetáculos e orientava ao público como deveria ser comportar naquele espaço, reforçando desse modo os ideais de progresso, modernidade e civilização.

O Cinema além dos filmes

Nas crônicas publicadas nas décadas de 1930 e 1940, Aderbal de França comenta sobre diversos cinemas de Natal. Comenta sobre suas construções, inaugurações e fechamentos, sobre os filmes que passavam e das outras diversas atividades que aconteciam naquele espaço.

As crônicas de Aderbal de França guardam a memória de quando filmes clássicos chegaram na cidade, como “O Vento Levou” que passou no cinema Rex (Figura 6) em 1941 e a versão da “Branca de Neve e os sete anões” dos estúdios Disney que passou no cinema São Pedro em 1945. O autor celebra quando esses filmes chegam à cidade, mesmo com atraso em relação à data de estreia, pois era um indicativo que a cidade estava avançando:

Os cartazes do Rex estão anunciando a passagem do filme “...E o vento levou”. A cidade espera com visível ansiedade esse acontecimento que não deixa de ser sensacional. Trata-se de um grande filme, em extensão e em qualidade. Foi extraído do famoso romance de Margaret Mitchell, que apesar do seu quase milhar de páginas, foi lido por todo mundo. O cinema, com os seus surpreendentes recursos da técnica e da arte, o colocou em movimento diante dos que tanto gostaram da leitura.

Demorou a chegar até nós. Mas a tardança talvez esteja concorrendo para um gosto melhor. Ele vem aí alvoroçando os fãs de outras capitais, sem pressa naturalmente de satisfazer os que aqui o aguardam. (França, 1941b, p.8)

É interessante notar, a partir dos textos do jornalista, que os cinemas daquela época eram mais do que espaços destinados à exibição de filmes, funcionavam também como locais de encontro, de festas, de apresentações e de diversas manifestações artísticas. Aderbal de França escreve crônicas sobre a comemoração do Dia dos Estudantes, sobre palestras de médicos, sobre shows musicais e outras atividades que aconteciam nas salas de cinemas. No trecho abaixo, retirado da crônica “Os nossos valores conhecidos...” (1940), o autor comenta sobre “A festa do microfone”, realizada no Cinema Rex, na qual ocorreu o concurso para a escolha do *cast* para a nova rádio da cidade:

A terceira festa do microfone coincidiu com uma noite chuvosa. Herança de um dia impertinente mau. O Rex, porém, estava com seu grande salão de espetáculos lotado. Era a prova do interesse em torno dos “valores” que iam se revelar à sociedade, candidatos ao futuro cast da Rádio Educadora de Natal. (França, 1940a, p.8)



Figura 6: Cinema Rex de Natal (Data não identificada). Fonte: Blog Brechando. Disponível em: <https://brechando.com/2015/09/12/cinemas-antigos-do-centro-de-natal/>

Em crônicas dos anos de 1945 o autor comenta sobre a construção do cinema Rio Grande (Figura 7) no bairro da Cidade Alta, celebra associando a instalação do novo cinema na cidade com a ideia de progresso e de modernização da cidade:

Tanto que progredimos, tanto que a cidade se tem desenvolvido, tanto que a guerra nos trouxe. Só o cinema ficou parado. É tempo, portanto, de tratar do assunto e é o que se está fazendo com destino à praça Pio X. O cinema Rio Grande terá os requisitos modernos de instalação de luz, organizando um louvável sistema de serviços internos. Será um grande cinema, digno de nossa época. (França, 1945, p. 10)



Figura 7: Cine Rio Grande. Fonte: Acervo dos municípios brasileiros IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=442908>

Em 1946 o cronista informa novamente a construção de um novo cinema, dessa vez o São Luiz, no bairro do Alecrim, um bairro considerado mais pobre, pertencente à classe operária. Mas pela crônica, o autor considera que a construção do cinema indica a valorização do bairro:

A marcha em que vai o bairro do Alecrim, subindo para um ângulo definido de progresso, havia de impor como um dos índices dessa evolução o cinema capaz de atender às exigências atuais e futuras da sua população. Não era mais um tipo de divertimento cômodo e barato o que estivesse faltando no gênero. Era positivamente, um cinema São Luís. Ninguém dirá que esteja ele além das possibilidades do grande bairro (França, 1946, p. 2)

Considerações finais

A ideia de modernidade foi diretamente associada ao incentivo às atividades de lazer, cultura e socialização fora dos ambientes domésticos, estimulando a circulação nas cidades recém reformadas e o uso dos espaços públicos. Natal, nas primeiras décadas do século XX, era uma cidade muito pequena, mas que possuía uma elite que queria vivenciar essa vida cultural urbana e trazer a modernidade para mais perto. Para isso, importou da Europa símbolos que representassem o progresso e a modernidade.

Nesse contexto, Natal teve como uma das primeiras medidas na direção da modernidade, a construção do Teatro Carlos Gomes, que nas primeiras décadas do século XX serviu para além de um espaço de apresentações cênicas, mas como um espaço de educação cultural da elite natalense, de valorização a arte, da música e do teatro local. Garantindo assim a formação de uma sociedade civilizada.

Do mesmo modo o cinema, um local em que suas características e tecnologias utilizadas estavam completamente alinhadas com o ideal de modernidade e progresso. Como discutido ao longo do trabalho, o cinema não era apenas um local de projeção de filmes, era um local que permitia a população ter contato com produções de outros países, além de ser reunir e realizar diversos tipos de atividades culturais e celebrações.

A presença dos edifícios do cinema e do teatro eram, portanto, um indicativo simbólico de modernidade, contribuindo para construir um cenário condizente com as aspirações de progresso e civilidade da cidade. E tudo isso está registrado nas crônicas e nos jornais da época, a elite intelectual, por meio da imprensa, revelava suas aspirações e valores, reiterando constantemente a importância desses espaços para a cidade, incentivando o seu uso, criando novos hábitos e mudando os valores e os modos da população.

Agradecimentos

A autora agradece ao Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCUrb), ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU/UFRN) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio institucional e pela concessão da bolsa de doutorado. O artigo dialoga, ainda, com os achados da tese de doutorado da autora, que discute a obra literária de Aderbal de França.

Referências

ASSIS, Machado de. (1899). **Missa do galo**. In: Literatura Digital – Biblioteca de Literatura de Língua Portuguesa. NUPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>. Acesso em: 05 de dezembro 2025

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

BRAZ, José. **Aspectos natalense, crítica dos costumes**. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). Seleta textos e poesias I. Natal: RN Econômico, 1993.

FRANÇA, Aderbal. **A noite de hoje no Carlos Gomes....** A República, Natal, 27 de fevereiro de 1937, p.08

_____. **Francisco Alves em Natal...** . A República, Natal, 03 de agosto de 1938, p.12

_____. **Os nossos valores conhecidos...** A República, Natal, 12 de setembro de 1940a, p.08

_____. **Passou Tito Schipa**. A República, Natal, 24 de setembro de 1940b, p.08

_____. **Mais um ano do Teatro Carlos Gomes ...** . A República, Natal, 23 de março 1941a, p.08

_____. **Um filme que o vento nao levou...** . A República, Natal, 08 de outubro 1941b, p.08

_____. **Cinema Rio Grande...** . A República, Natal, 18 de maio 1945, p.10

_____. **O São Luiz...** . A República, Natal, 26 de outubro 1946, p.02

FREYRE, Gilberto (1936). **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 1. ed. digital. São Paulo, 2013

GORELIK, Adrián. **Cultura urbana sob novas perspectivas**. Entrevista de Ana Castro e Joana Mello. Novos Estudos, Cebrap, São Paulo, n. 84, p. 235-249, 2009

GORELIK, Adrián. **“Ciudad, modernidad, modernización”**. In: Universitas Humanística. Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2003.

HARVEY, David. **Paris, capital da modernidade**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque Natalense (1900-1930) - Natal, RN**, 2008, 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós- Graduação em História. Natal, 2008

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012



PINHEIRO, Eloísa Petti. Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador) Salvador: EDUFBA, 2011

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: companhia das letras, 1992.

